

**A LITERATURA INFANTO-JUVENIL COMO INSTRUMENTO MEDIADOR  
DOS ATENDIMENTOS PSICOLÓGICOS EM UMA ENFERMARIA  
PEDIÁTRICA**

Samara de Souza da Cruz; Jéssica Rodrigues Rosa; Isabel de Martino Prata.  
samara.souza@unesp.br  
jessicarrosa@gmail.com  
i.prata@unesp.br

*Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Botucatu*

**Introdução:**

No Brasil, a Psicologia da Saúde conecta-se ao princípio da integralidade e interdisciplinaridade, pois o contexto do país exige o trabalho de dialogar com as diferentes especialidades e interligar os diversos aspectos inerentes ao processo saúde-doença (Azevêdo; Crepaldi, 2016). Tendo isso em vista, o presente trabalho se refere à experiência de atendimentos psicológicos realizados em uma Enfermaria de Pediatria, guiados pelo uso da literatura infanto-juvenil como dispositivo mediador. Segundo Vigotsky (2007), a mediação por meio de instrumentos e signos culturais é fundamental para o desenvolvimento das Funções Psicológicas Superiores (FPS).

Considerou-se a literatura como uma ferramenta de mediação, uma vez que a obra literária é “a organização verbal significativa da experiência interna e externa, ampliada e enriquecida pela imaginação e por ela manipulada para sugerir as virtualidades desta experiência” (Rosenfeld, 1976, p. 53). Portanto, impulsiona a imaginação e possibilita a atribuição de significados e sentidos às experiências vividas (Pavani, 2010).

O adoecimento representa uma cisão no que se espera no curso do desenvolvimento e, ao tratar-se de crianças e adolescentes, a imprevisibilidade intrínseca à internação implica em sentimentos como medo, angústia e receios frente às desconfortáveis alterações sofridas pelo corpo (Sacol, Fighera; Dornelles, 2007; Mitre; Gomes, 2007). O afastamento da criança de sua rotina de socialização e do estudo, principal atividade-guia desempenhada nesse período do desenvolvimento (Davidov, 1988), gera um momento de crise no desenvolvimento, demandando um olhar crítico direcionado para as particularidades desse cuidado em saúde.

Nesse sentido, a abordagem psicológica Histórico-Cultural foi utilizada como aporte teórico-metodológico, fundamentada pelo Materialismo Histórico-Dialético, tanto para o planejamento quanto para análise dos resultados. Vigotski (2000) compreende que os sujeitos passam a se apropriar e objetivar a realidade vivida desde a infância, desenvolvendo assim suas

funções psicológicas e atuando ativamente nos meios em que é inserida. A partir disso, entende-se que as crianças são ativas também na vivência complicada da internação e sua voz precisa ser considerada inclusive para auxiliar no seu tratamento e recuperação.

### **Objetivos:**

- Utilizar a literatura infanto-juvenil como instrumento de mediação dos atendimentos com crianças e adolescentes, possibilitando uma alternativa para a comunicação e elaboração dos conteúdos demandados.
- Analisar os processos psíquicos envolvidos na elaboração dos conteúdos suscitados durante a intervenção.

### **Método:**

Este trabalho se trata de uma experiência proveniente de atividades práticas do Curso de Especialização Multiprofissional em Saúde da Criança e do Adolescente, subárea de Psicologia Hospitalar, do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Botucatu (HCFMB) - vinculado à Secretaria de Saúde do Estado de São Paulo. Foi realizado no período de março de 2024 a janeiro de 2025 e se refere aos atendimentos psicológicos com pacientes internados na Enfermaria de Pediatria: no total foram 10 participantes, entre 9 e 14 anos.

A Enfermaria de Pediatria do HCFMB conta com 46 leitos destinados a pacientes de 0 a 14 anos, sendo que alguns compõem as especialidades pediátricas e outros, a Pediatria Geral, aos quais é oferecido acompanhamento psicológico de rotina. Inicialmente, realizou-se escuta ativa e, a partir das demandas identificadas e da observação do desenvolvimento neuropsicomotor do paciente, a psicóloga propôs a leitura de um livro. As obras utilizadas fazem parte do acervo de 23 livros infanto-juvenis do Serviço de Psicologia Hospitalar. Quatro deles foram escolhidos a partir da avaliação de cada caso:

**Quadro 1.** Obras utilizadas na intervenção, com autor(es), editora e ano de publicação.

| <b>Título</b>                | <b>Autor(es)</b>                             | <b>Editora</b> | <b>Ano de Publicação</b> |
|------------------------------|--|----------------|--------------------------|
| Alguns Medos e Seus Segredos | Ana Maria Machado                            | Global         | 2009                     |
| Emocionário                  | Cristina Núñez Pereira e Rafael R. Valcárcel | Sextante       | 2018                     |
| O Menino Paciente            | Letícia Wierzchowski e Marcelo Pires         | Record         | 2007                     |
| Quem tem medo do quê?        | Ruth Rocha                                   | Salamandra     | 2003                     |

Então, foi realizada uma leitura narrada pela psicóloga, com o livro em posição visível aos pacientes. A cada página lida, eram convidados a expor sua interpretação. O uso da literatura como mediadora modificou-se de acordo com as demandas, destacando-se quatro principais: (a) queixas e dúvidas frente à internação e o ambiente hospitalar; (b) desafios na elaboração do diagnóstico; (c) receios frente aos procedimentos realizados: cirurgias, exames e medicamentos; e (d) repercussões emocionais associadas às três primeiras demandas.

Por fim, realizou-se uma análise dos resultados observados, embasada na Psicologia Histórico-Cultural, considerando as categorias: (1) A unidade Afetivo-Cognitiva da Atividade Humana e o Processo de Interiorização”; (2) O Motor Da Atividade: Indissociabilidade entre Necessidades, Motivos e Emoções e (3) O Papel da Mediação para o Desenvolvimento das Funções Psicológicas Superiores e a Atribuição de Sentidos e Significados”.

## **Resultados e Discussão:**

### **A unidade Afetivo-Cognitiva da Atividade Humana e o Processo de Interiorização**

A princípio, é importante destacar que os 10 participantes estavam internados por quadros agudos e todos apresentaram um desenvolvimento neuropsicomotor compatível com a idade. Atender apenas quadros agudos não foi previamente planejado, mas constatou-se esse fato ao analisar os resultados. Os pacientes não manifestaram histórico de doenças prévias e não eram apropriados do ambiente hospitalar, sofrendo um impacto significativo ao se deparar com uma percepção de si e do mundo, de modo diferente do habitual.

Influenciado pela filosofia espinosiana, Vigotsky (2004) elaborou sobre a unidade afetivo-cognitiva. Recuperando as postulações de Espinosa, compreende-se que “o homem tem poder sobre os afetos e a razão pode alterar a ordem e as conexões das emoções” (Martins; Carvalho, 2016, p. 704). Desse modo, os sujeitos são inicialmente afetados passivamente pelos objetos e, a partir da atividade suscitada em decorrência dessa afetação, torna-se ativo ao atuar sobre ele (Russell, 1979 apud Martins, Carvalho, 2016).

Neste trabalho, inicialmente foi preciso observar, através da escuta ativa nos atendimentos, quais afetações já estavam perpassando. Destacou-se sobretudo afetos negativos ligados ao medo dos procedimentos médicos, realização de cirurgias e exames, bem como o próprio ambiente hospitalar que representava uma cisão da realidade habitual. Leontiev (2021) postula que ao decorrer do desenvolvimento, os sujeitos modificam suas necessidades e, conseqüentemente, a atividade principal desempenhada se altera. No caso das crianças e adolescentes participantes dessa intervenção, a atividade dominante é a do estudo.

Estudos prévios demonstram que a desinformação pode desencadear medo, angústia, estresse e ansiedade durante uma internação, podendo resultar até mesmo na morosidade do processo de recuperação (Gomes de Araújo et al., 2020). Assim, lançar mão de recursos psicoeducativos foi importante para ampliar o repertório dos pacientes a respeito desse momento singular. O livro “O Menino Paciente” foi um desses mediadores. Nele, conhecemos a história de uma criança que vivia uma rotina muito ativa e repentinamente adocece, necessitando de hospitalização. De forma poética e lúdica, descreve como o menino observa as dificuldades, desafios e potencialidades no período de internação.

Já a obra “Emocionário”, a mais utilizada, possibilitou a ampliação do repertório sobre a nomeação e significado das emoções: medo, ódio, raiva, tédio, tristeza, saudade e aceitação. Assim, conferiu-se um lugar para essas emoções: ao compreender de onde vem emoções comumente reprimidas, como medo e raiva, foi possível validar os sofrimentos e traçar estratégias de enfrentamento, ainda que os mesmos não deixem de fazer parte da vivência.

### **O Motor da Atividade: Indissociabilidade entre Necessidades, Motivos e Emoções**

Pode-se observar nos pacientes uma inicial necessidade de retornar para a casa, mas esta era frustrada imediatamente ao passo que o tratamento exigia um processo permeado por incômodos e a incerteza sobre a data da tão esperada alta. Portanto, o objeto de satisfação dessa necessidade não era encontrado, impossibilitando a constituição de uma motivação que efetivamente dialogasse com a realidade. Leontiev (2021) destaca que nem sempre o motivo da atividade será encontrado pelo sujeito, mas não existe atividade sem um motivo que a guie.

Ao passo que o sujeito atua sobre o mundo, redireciona a necessidade na medida em que compreende o que pode satisfazê-la. Logo, a necessidade é transposta em motivo, pois o objeto de satisfação possui um valor afetivo-positivo. A categoria motivo está localizada entre a necessidade e seu objeto correspondente: é a partir de uma motivação que a atividade ganha uma função e orientação. Aqui, retomamos a unidade afetivo-cognitiva, uma vez que a afecção do objeto sobre o sujeito possibilita a constituição de motivos e estes, por sua vez, existem devido à necessidade vinculada à fatores emocionais (Martins; Carvalho, 2016).

Considerando o contexto estressante e a fase do desenvolvimento dos pacientes, é compreensível que ainda não existam recursos cognitivos para realizar tais relações lógicas de conexão entre necessidades, motivos e atividade, tendo em vista que espera-se que o pensamento abstrato comece a se desenvolver por volta dos 12 anos (Vigotski, 2000). Por isso, crianças de 9 e 10 anos tiveram mais dificuldades para conectar a vivência com os conteúdos dos livros. Os participantes de 11 a 14 anos dialogaram os conteúdos com as experiências da

internação, ampliando a comunicação, o repertório e as elaborações: o significado social negativo da hospitalização pôde ser compreendido em suas ambivalências, onde o tratamento passou a ser reconhecido como necessário, ainda que fosse incômodo.

### **O Papel da Mediação para o Desenvolvimento das Funções Psicológicas Superiores e a Atribuição de Sentidos e Significados**

A fim de discutir a respeito dos sentidos e significados atribuídos pelos pacientes hospitalizados, partiu-se da compreensão de que o sentido pessoal, como fato psicológico, se forma a partir da interiorização das manifestações sociais e culturais, das leis e ideais compartilhados com o outro (Asmolov, 1984 apud González Rey, 2007). Ou seja, ao se demonstrarem interessados nos livros, as crianças e adolescentes partiram de uma motivação inicial para envolver-se na atividade de interpretação, o que possibilitou a internalização dos conteúdos trazidos e, como consequência, a atribuição de novos sentidos ao momento vivido.

Ainda que os livros sejam os instrumentos de mediação, quem realiza o processo mediativo é o próprio sujeito: pacientes. Esse movimento é possibilitado pelo papel do outro, desempenhado pela atividade da psicóloga que se propôs à leitura e, através dessa mediação, foi possível transformar a relação com os conteúdos literários em funções psicológicas (Vigotski, 1927/1995). Neste trabalho, destacou-se a imaginação como função psicológica superior, já que a abstração se constitui a partir da atividade da imaginação: o pensamento por conceitos se desenvolve quando o sujeito consegue ir além dos objetos do mundo real para “pensar, explicar, compreender princípios e conceitos” (Pott, et al., 2022, p. 5).

O significado pejorativo da hospitalização delineou a dificuldade de atribuir um sentido vinculado à melhora proporcionada pelo tratamento. Assim, ao desmistificar dúvidas, dar nome às emoções e ampliar o repertório sobre este ambiente, foi possível atribuir um sentido conectado à necessidade do tratamento, já que esta é condição primordial para sanar a principal vontade: retornar para casa. A experiência com a arte literária inaugurou uma nova constituição de significado social ao hospital e, a partir da interiorização desses conceitos, os pacientes modificaram também os sentidos atribuídos, de acordo com suas singularidades.

### **Conclusão:**

A literatura guiada com intencionalidade apresentou-se como uma relevante ferramenta mediadora, segundo a perspectiva psicológica histórico-cultural: auxiliou na estimulação e criação de novas significações e sentidos à hospitalização, oferecendo conteúdos psicoeducativos e recursos terapêuticos que instrumentalizam a construção de enfrentamentos e elaboração emocional. Apesar das dificuldades apontadas, há caminhos possíveis para

aprimorar intervenções do gênero. Diante disso, o trabalho do psicólogo hospitalar, partindo de um olhar crítico, comprometido e ético, precisa sempre alinhar o saber teórico-metodológico com a prática, adaptando a proposta interventiva e o instrumento mediador de acordo com as demandas que se fizerem presentes durante os atendimentos.

### Referências:

AZEVEDO, A. V. DOS S.; CREPALDI, M. A.. **A Psicologia no hospital geral: aspectos históricos, conceituais e práticos.** Estudos de Psicologia (Campinas), v. 33, n. 4, p. 573–585, out. 2016.

DAVÍDOV, Vasili Vasilievich. **La enseñanza escolar y el desarrollo psíquico: investigación teórica y experimental.** Tradução: Marta Shuare. Moscú: Progreso, 1988.

GOMES DE ARAÚJO, G. .; SEPEDRO SOUSA, E. K. .; CARVALHO SENA DAMASCENO, C. K. .; RÊGO NETA, M. M. .; JARDEL FEITOSA SOUSA, K. H.; VITORINO SALES, M. C. **O estresse da hospitalização na infância na perspectiva do enfermeiro.** Revista Recien - Revista Científica de Enfermagem, [S. l.], v. 11, n. 33, p. 186–194, 2021. Disponível em: < <https://www.recien.com.br/index.php/Recien/article/view/363>>. Acesso em: 1 out. 2024.

GONZALEZ REY, Fernando. **As categorias de sentido, sentido pessoal e sentido subjetivo: sua evolução e diferenciação na teoria histórico-cultural.** Psicol. educ., São Paulo , n. 24, p. 155-179, jun. 2007 . Disponível em:<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-69752007000100011&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752007000100011&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 12 dez. 2024.

LEONTIEV, A.N. **Atividade. Consciência. Personalidade.** Bauru-SP: Mireveja, 2021.

MACHADO, A. M. **Alguns medos e seus segredos.** 2. ed. São Paulo: Global, 2009.

MARTINS, Lígia Márcia; CARVALHO, Bruna. **A atividade humana como unidade afetivo-cognitiva: um enfoque histórico-cultural.** Psicologia em Estudo, Maringá, v. 21, n. 4, p. 699-710, out./dez. 2016.

PAVANI, C. F. **A dimensão lúdica da literatura: ponte para a construção de significados.** Nau Literária, [S. l.], v. 6, n. 2, 2010. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/NauLiteraria/article/view/16238>. Acesso em: 26 set. 2024.

PEREIRA, C. N.; VALCARCEL, R. R. **Emocionário.** Tradução de R. Lemos. Rio de Janeiro: Sextante, 2018.

POTT, E. T. B.; NEVES, M. A. P.; SOUZA, V. L. T. DE. **CONTRIBUIÇÕES DA IMAGINAÇÃO AO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO E À EDUCAÇÃO: UMA ANÁLISE A PARTIR DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL.** Psicologia Escolar e Educacional, v. 26, p. e223597, 2022.

ROCHA, R. **Quem tem medo de quê?** São Paulo: Salamandra, 2012.ROSENFELD, Anatol. Texto /Contexto. São Paulo, Perspectiva, 1976.

ROSENFELD, Anatol. **Texto /Contexto**. São Paulo, Perspectiva, 1976.

SACCOL, C. S.; FIGHERA, J.; DORNELES, L. **Hospitalização Infantil e Educação: caminhos possíveis para a criança doente**. Vidya, v. 24, n. 42, p. 181-190, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufn.edu.br/index.php/VIDYA/article/view/413/387>. Acesso em 07 out. 2024.

VIGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VIGOTSKI, L. S. **Historia del desarrollo de las funciones psíquicas superiores**. In: Obras Escogidas. Madrid: Visor, 1995. Vol.3.

VIGOTSKY, L. S. **Teoría de las emociones**. Estudio histórico–psicológico, trad. Judith Viaplana, Madrid, Akal, 2004.

VYGOTSKI, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

WIERZCHOWSKI, L.; PIRES, M. **O menino paciente**. Rio de Janeiro: Record, 2007